

"Trabalhar o corpo e se movimentar é uma atividade muito prazerosa que sentimos muita falta hoje em dia. Cada vez mais usamos a cabeça para determinadas atividades e menos o corpo"

Kiko Fernandes



Kiko Fernandes

Dançarino Profissional e Sócio da Cia. Terra

Entrevistado por Fernando Luzio

Conversamos com **Kiko Fernandes**, astrofísico e dançarino profissional de West Coast Swing – estilo batizado como “a dança oficial do Estado da Califórnia”, seu berço de criação. Kiko foi precursor do estilo no Brasil, inclusive já participou e venceu diversos campeonatos de West Coast Swing no Brasil e no exterior. Kiko é privilegiado com um raríssimo pensamento estruturado, uma habilidade de comunicação única e também tem um espírito divertido e empreendedor. Hoje, é sócio da rede Cia Terra de Escolas de Dança.

Fernando Luzio. Kiko, você é meu professor de West Coast Swing (WCS) e me fez descobrir que o mundo

corporativo tem muito a aprender com a dança. O WCS tornou-se uma fonte extraordinária de automotivação e tem me feito repensar meu estilo de liderança e trabalho em equipe no ambiente empresarial. Por isso, quero aproveitar sua presença no Programa para compartilharmos com o mundo parte da riqueza de símbolos, reflexões e emoções do WCS e do seu trabalho.

Para mim, existem Professores e Mestres. Você é um verdadeiro Mestre, porque além de transmitir todo seu conhecimento com absoluta propriedade, compartilha uma sabedoria única e, acima de tudo, saio das nossas aulas com vontade de conquistar o mundo – uma motivação que somente

os grandes Mestres provocam em seus alunos.

Kiko, seja bem vindo aos Novos Intérpretes e muito obrigado pela sua participação no nosso Programa. Conte um pouco da sua história para que todos possam entender quem é você, nas suas próprias palavras.

Kiko Fernandes. Você não se faz um cientista, você nasce um cientista. A curiosidade sempre foi uma característica permanente na minha trajetória de vida. Além de curioso, sempre fui muito ansioso e ávido por resultados, por querer conhecer e saber como as coisas funcionam. Então, minha ida para a carreira acadêmica foi parte da minha trajetória de infância. Conheci a Astronomia com 5 anos de



idade, quando meu pai me levou ao Planetário de São Paulo. Após uma sessão no Planetário, fiquei apaixonado pela Astronomia e já havia decidido o que queria fazer. No colégio, estudava bastante e era um aluno com bom rendimento escolar.

O professor de Física dava uma aula que me encantava, era extraordinário e muito sábio, um verdadeiro mestre. Uma vez, um aluno lhe perguntou se era possível fazer as provas a lápis e depois colocar apenas os resultados à caneta. Ele respondeu que sim, mas que ao final do curso, aqueles que se aplicassem poderiam fazer a prova inteira à caneta – “Porque ao final da questão, vocês já vão saber a resposta certa e não vão precisar apagar o exercício e fazê-lo de novo”. Achei aquilo extraordinário e coloquei como desafio pessoal fazer um dia uma prova inteira à caneta e tirar 10. Eu já havia conseguido tirar 10 em outras matérias, mas na matéria dele ainda não. E uma vez estudei muito para uma das provas e fiz acreditando que havia feito a prova perfeita.

Na semana seguinte, ele me entregou minha prova com a nota 9,75. Comecei a vasculhar a prova para encontrar onde havia errado. E numa das questões, eu havia omitido uma passagem da equação porque havia feito a conta de cabeça, colocando apenas o resultado final que não foi afetado. Fui à mesa do professor protestar e perguntar por que ele havia tirado pontos daquela questão se a resposta estava correta. Ele respondeu: “Simplesmente não vou dar 10 para você porque a gente sempre exige mais de quem gosta”. Voltei para minha mesa deslumbrado com aquele elogio que foi muito melhor do que ter tirado 10. Me lembro que pendurei aquela prova na parede do meu quarto como um exemplo de algo que eu queria muito alcançar, mas se tivesse tirado 10, teria perdido um pouco do estímulo. Ele me mostrou que sempre podemos empurrar nossos limites para frente.

Mais tarde, entrei cedo na faculdade de Física da USP (aos 17 anos), onde conheci um professor de Astronomia que foi um segundo mestre. E com ele conseguimos desenvolver um trabalho de Iniciação Científica que recebeu uma avaliação honrosa na USP, numa cerimônia com o Reitor e o Secretário de Tecnologia do Estado de São Paulo. Era um trabalho inovador de análise em três dimensões sobre dados de estrelas. Estava muito estimulado e fazia com muito prazer.

Quando estava terminando a faculdade, este professor teve de se



“No final das minhas aulas, costumo perguntar aos meus alunos “Quem aqui, durante a aula, pensou um minuto sequer no seu trabalho?”. Até hoje, não consegui uma resposta positiva. Eu mesmo, quando estou dando aula, não me lembro das minhas atividades fora dali. Assim, a dança proporciona um descanso para seu cérebro”

Kiko Fernandes

mudar para a França e me indicou a um colega da Pós-Graduação em Astrofísica para eu iniciar meu Mestrado. Assim que me formei, iniciei o Mestrado, mas não consegui me ajustar muito bem ao trabalho com este novo professor.

Em paralelo, um colega me convidou para assistir a uma aula de dança de salão como uma atividade lúdica, para relaxar. Fui conhecer e adorei, me encantei, principalmente por um jeito de dançar que no Brasil é chamado de “soltinho” – uma derivação do Swing, estilo principal de onde vem o West Coast Swing. Comecei a fazer essas aulas de dança e um dos prazeres que encontrei nesta atividade foi ter uma vida social muito mais ativa daquela que eu tinha no Mestrado. Então, recobrei um pouco de ânimo e estímulo para continuar meu trabalho, mesmo já não tendo mais o encantamento que tive da primeira vez na faculdade. Isso serviu de impulso suficiente para eu concluir o Mestrado e chegar ao Doutorado, onde me vi na seguinte encruzilhada: para concluir minha tese de Doutorado e me preparar adequadamente para a banca, meu professor orientador na época me deu um ultimato dizendo que eu precisaria parar de dançar. Fiquei extremamente incomodado com a possibilidade de parar com a dança que tinha me acrescentado muito prazer, estímulo e, até certo ponto, muita criatividade – uma atividade terapêutica que me fazia muito bem para continuar na minha atividade intelectual. Então, fiquei na dúvida do que deveria fazer.

Na minha cabeça, já estava rascunhando um “plano b”. Seis meses

antes de me preparar para minha banca de defesa de Doutorado, cancelei tudo e abandonei o Doutorado. Fiquei me dedicando apenas à dança. Na época, eu já havia sido convidado para ser professor da própria escola onde fazia minhas aulas de dança, que tinha planos de crescimento. Precisavam de mais gente com disposição para dar aulas e me perguntaram se eu tinha interesse em me especializar como professor. Aceitei como trabalho que não entraria em conflito com minha carreira acadêmica. Mas, quando me vi na encruzilhada de ter de abandonar uma das atividades, acabei optando pela dança, até porque estava enfrentando desilusões e desencantamentos na carreira acadêmica por questões burocráticas ou políticas. Já não sentia mais tanto prazer, e por isso optei pela dança. O “plano b” é que permaneceria dando aulas de dança de salão à noite e, durante o dia, iria me preparar para um concurso público onde conseguiria seguir uma profissão que me desse um sustento garantido.

Quando contei esta notícia ao meu pai, um engenheiro eletrônico, ele ficou assustado e muito preocupado, e abertamente me perguntou se eu estava ficando maluco em fazer aquela troca. Disse para ele ficar tranquilo porque eu iria fazer aquela troca, sem me dedicar exclusivamente à dança porque queria algo além que eu ainda não havia definido.

Neste meio tempo, um dos sócios da escola onde eu dava aula colocou suas quotas à venda e me perguntou se eu tinha interesse. Percebi que era uma ótima oportunidade de unir o útil ao



agradável: durante o dia poderia trabalhar como administrador de uma escola de dança, numa carreira nova de empresário, e continuaria dando aulas de dança à noite. Meu pai ficou aliviado e meu apoiou na decisão. Consegui entrar na escola como sócio.

Num almoço, disse a este sócio que sentia a necessidade de me especializar em algo na dança de salão. É muito comum neste meio professores que dão aula de diversos ritmos, mas que são especialistas num ou noutro ritmo. Na nossa escola, por exemplo, havia especialistas em samba de gafieira, salsa, tango, mas nenhum desses ritmos me atraiu o suficiente para me tornar especialista. Então, eu sentia falta de me especializar e me diferenciar em algum ritmo. Foi aí que ele me disse que nos campeonatos de salsa, ele já havia encontrado algumas pessoas competindo com uma dança cujo nome ele não sabia, mas que eu deveria descobrir – era o West Coast Swing.

Havia muito pouca difusão deste estilo de dança na Internet, nas redes sociais e ferramentas de busca como o Google. Fui atrás dos websites de dançarinos, onde comecei a encontrar informações e fiquei apaixonadíssimo pelo estilo, porque já gostava das músicas (blues, rhythm blues, soul music), mas não sabia que dava para dançar em dupla. Comecei a fazer de tudo para aprender. Entrei em contato com os dançarinos dos Estados Unidos para saber como poderia aprender, já que não havia pessoas que trabalhassem com este ritmo no Brasil. Eles me enviaram DVDs com aulas e passei a estudar trancado sozinho numa salinha, vendo os DVDs. Consegui uma parceira para estudar junto comigo e tive a oportunidade de ir aos Estados Unidos fazer aulas.

Aí realmente debutei no WCS porque todas as informações teóricas que eu assimilei exigiam um contato físico com outra pessoa para aprimorar. Passei a fazer aulas regulares com os dançarinos, e numa das viagens para os Estados Unidos eu tive a chance de assistir a uma das grandes competições de WCS. Por incentivo dos meus professores de lá, acabei participando de uma competição numa categoria de estreates. Havia cerca de 800 competidores do mundo inteiro – França, Austrália e, é claro, Estados Unidos. E para minha surpresa (e dos meus professores), eu consegui o segundo lugar nesta competição e voltei felicíssimo para o Brasil trazendo um troféu para a escola de uma categoria inédita na dança de salão no Brasil, num estilo de dança que ninguém dançava ainda no país. Passei a me dedicar muito ao WCS. Passei a dar aulas de graça para quem quisesse aprender. Consegui mais alunos interessados que passaram a fazer aulas particulares e a procura começou a crescer. Eu dava muitas aulas para profissionais de dança de salão que queriam aprender aquele estilo.

Fernando Luzio. Fiquei muito impressionado com o número de pessoas naquela competição. Também me impressionou quando você me mostrou vídeos com os bailes e práticas dançantes, além de outros campeonatos. Fale um pouco sobre esta cultura americana dos grandes bailes e das grandes competições, o que para mim é uma novidade.

Kiko Fernandes. O WCS tem sua origem em outro estilo de dança chamado Lindy Hop, o estilo mais tradicional de se dançar Swing que surgiu no final da década de 20. O WCS surgiu no final da década de 40, início dos anos 50. Gosto de comparar o WCS com o samba. Aqui no Brasil temos outras formas de se dançar o samba: samba de gafieira, samba no pé, pagode, samba rock. Mas de um modo geral, todos vieram de uma única origem que é o samba. Nos Estados Unidos, a origem de todas as danças de Swing é o Lindy Hop. E o WCS é uma de suas vertentes. Como cada Estado americano gosta de ter sua independência, passaram a desenvolver os campeonatos regionais que começaram a

crescer muito – um grande campeonato a cada 3 semanas e outros menores. Como os americanos gostam bastante de competição, organizaram a estrutura desses campeonatos de forma que você realmente faz carreira, como estamos acostumados a ver nos campeonatos de tênis e fórmula 1, onde a cada corrida um piloto é pontuado e ranqueado no final do ano. Nos Estados Unidos, existe um ranking desses dançarinos. Assim, criou-se uma cultura de carreira de competição, possibilitando agregar em torno de 1.000 pessoas num campeonato. O “US Open”, campeonato nos Estados Unidos de todos os estilos de Swing norte americanos, reúne muitos dançarinos e é um dos mais desejados pelos dançarinos para se conseguir bons troféus. A colocação que você obtém nesses campeonatos determina como será sua agenda no ano seguinte.

Aqui no Brasil, a dança ainda é muito mais lazer do que atividade profissional. Então, boa parte das pessoas que se dedicam à dança o fazem como atividade lúdica e prazerosa, não temos o caráter de competição. As competições de dança são muito recentes no Brasil, e começaram com a Salsa. O WCS também já tem campeonatos realizados no Brasil. Acho interessante porque coloca as pessoas com o objetivo de dançar, não apenas como atividade lúdica e terapêutica que são excelentes. Mas, quando coloca-se o objetivo de competir, o dançarino passa a ter alguns obstáculos e ter de medir seu rendimento e aprimoramento, passa a ver etapas a vencer, o que é muito rico para a cultura brasileira de dança de salão.

Fernando Luzio. O que as pessoas procuram encontrar no WCS ou na dança de salão? Quais são as motivações que levam as pessoas à Cia Terra?

Kiko Fernandes. As pessoas procuram a dança de salão, na sua grande maioria, como atividade terapêutica, e para maior interação social. Muitas dessas pessoas têm ocupações profissionais que lhes proporcionam interações sociais em torno do ambiente de trabalho. A dança de salão proporciona interagir com outras pessoas fora do seu ambiente de trabalho. E para aquelas pessoas cuja carreira ou ocupação não fornecem muita interação social – que era meu caso quando estava na carreira acadêmica –, a dança de salão permite conhecer outras pessoas, além do benefício terapêutico propriamente dito.

Além disso, trabalhar o corpo e se movimentar é uma atividade muito prazerosa de que sentimos muita falta hoje em dia. Cada vez mais usamos a cabeça para determinadas atividades e menos o corpo. Parte desta cultura atual impulsionou as academias de ginástica e outras atividades como a Yoga e Pilates. O que a dança proporciona é que as pessoas interajam entre si – enquanto atividades como Yoga, Pilates e ginástica podem ser executadas sozinho. Então, as pessoas que procuram nossa escola de dança querem mesclar essas atividades físicas e terapêuticas com conhecer outras pessoas.

Fernando Luzio. Você disse que quando começou a fazer suas aulas de dança à noite lá na USP, percebia que no dia seguinte voltava para o Mestrado com maior motivação e criatividade. Desde que eu comecei minhas aulas de WCS com você, meu rendimento profissional aumentou de maneira significativa – sinto-me mais produtivo, mais criativo e com muita motivação para o trabalho e para a vida. Sinto-me pessoalmente mais feliz, mais despojado, uma usina de idéias, *insights* e mais sensível.

Saio das aulas sentindo como seu tivesse rejuvenecido. Passei a me sentir tão intelectualmente estimulado como eu não me sentia desde meus anos 20 – uma fase da minha vida de alta efervescência intelectual. Sinto-me voltando no tempo. Por que a dança provoca tantos sentimentos e uma energia tão positiva, aguçando a criatividade? As pessoas que



trabalham comigo têm feito esta pergunta e até por isso você foi um dos primeiros nomes eleitos pela equipe para a lista de convidados do *Novos Intérpretes*.

Kiko Fernandes. O que é amplamente conhecido é que a dança de salão e o WCS são atividades terapêuticas. Recentemente, vem se estudando cientificamente por que essas atividades dão tão bons resultados do ponto de vista psicológico. Tenho uma teoria: elas reconectam você com seu corpo. Você sai do trabalho e vai fazer uma atividade onde voltará a ter contato com seu corpo, perceber que tem uma perna direita e outra esquerda, braços, que você ocupa um determinado espaço e vai se conectar e interagir com outra pessoa que também tem um corpo físico. A conexão que você vai fazer com outra pessoa não é apenas uma conexão intelectual, visual e verbal, mas também física. Isso faz com que você passe a perceber melhor o seu corpo, se está em pé ou sentado, por exemplo.

Além disso, é uma atividade que você faz com música, o que por si só também é terapêutico. Tocar um instrumento é uma atividade terapêutica, dançar ouvindo música também. Você entra em contato também com a música, passa a ouvir algo que lhe dá prazer porque você escolhe dançar um estilo de música que gosta. Então, os estímulos físicos e sensoriais são muito aguçados e todos criam uma rede de estímulos que enriquecem seu cérebro com informações que não são apenas

racionais e lógicas, são sensitivas. Você entra numa atividade em que coloca seu cérebro focado para executar um movimento com seu corpo que retira do seu cérebro todas as demais ocupações profissionais. No final das minhas aulas, costumo perguntar aos meus alunos “Quem aqui, durante a aula, pensou um minuto sequer no seu trabalho?”. Até hoje, não consegui uma resposta positiva.

Eu mesmo, quando estou dando aula, não me lembro das minhas atividades fora dali. Assim, a dança proporciona um descanso para seu cérebro. Diversas faculdades suas são utilizadas para fazer outra atividade que lhe gera diversos estímulos sensoriais prazerosos. De algum modo, seu cérebro não permanece ocioso. Ele está sendo trabalhado de maneira diferente, aberto para outras dimensões e estímulos, e quando quiser voltar novamente para uma atividade racional, suas faculdades de criatividade, de ligar pontos e conexões, memória e outras, estarão mais aguçadas, mesmo não tendo especificamente trabalhado tais faculdades.

Fernando Luzio. Sou testemunha do que você está dizendo: não consigo deixar entrar qualquer pensamento sobre trabalho ou alguma coisa acontecendo na minha vida fora da aula de dança. Em uma aula, porém, você me perguntou por que eu estava errando tanto durante uma música: tinha sido a primeira vez em que eu havia permitido que pensamentos do trabalho participassem da dança. Além disso, você ensina que durante uma

dança, durante a execução de um movimento, temos sempre de pensar no passo seguinte. Então, você tem de estar sempre tão conectado nos passos que está fazendo e nos próximos, que se você deixar o pensamento se ocupar com outras coisas você perde esta capacidade de articular a dança e vai errar.

Kiko Fernandes. Costumo praticar meditação. Uma das formas de meditação é deixar a mente livre para permitir que qualquer pensamento venha à mente e vá embora. Vem preocupações, pensamentos alegres ou tristes. A meditação também tem um efeito terapêutico. Porém, a dança me forneceu uma outra atividade onde o efeito terapêutico – as boas sensações – é mais imediato porque você consegue varrer a sua mente das preocupações e problemas pessoais. Então, você consegue alimentar suas faculdades mentais com boas sensações. Assim, você sai de uma aula de dança melhor preparado para resolver problemas, para enxergá-los com mais clareza e sob diferentes ângulos. Acredito que consigo resolver melhor os problemas depois de dançar. Me encontro no dia seguinte muito mais criativo e preparado para lidar com os eventuais problemas da rotina.

Fernando Luzio. Em cada aula, além de você empregar conceitos da física para ensinar sobre o centro de gravidade dos corpos dançando e outros fenômenos, você também recorre a aspectos fundamentais das relações entre o homem e a mulher para que possamos incorporar o espírito e a





atitude correta na dança. Como por exemplo: o homem tem de ser verdadeiramente cavalheiro e respeitar a dama, que por sua vez tem de ser mais feminina. O WCS ajuda a resgatar e exercitar ingredientes fundamentais do bom relacionamento entre o homem e a mulher? Quais são esses ingredientes principais? A dança de salão é capaz de aprofundar o vínculo entre casais? É capaz de trabalhar a habilidade de relacionamento social entre as pessoas?

Kiko Fernandes. Uma coisa muito bacana e particular minha é que sempre busquei um diferencial para minhas atividades da vida. E quando comecei a fazer o WCS, intuitivamente comecei a enxergar similaridades com tudo aquilo que eu já trabalhava na Física. Conceitos como equilíbrio, conexão, inércia, impulso e outros que são conceitos mecânicos clássicos também aplicáveis ao WCS. Então, aproveitei aquele conhecimento que eu já tinha para desenvolver uma linguagem e uma série de analogias que se tornassem peculiares à minha maneira de ensinar. Para alguns alunos isso funciona muito bem porque resgata exemplos semelhantes aos que ouviam na escolar – como atrito ou centro de gravidade, por exemplo. Também passei a enxergar o impacto que a dança tinha nos meus relacionamentos pessoais. Não somente fez parte do meu trabalho e dos meus relacionamentos pessoais com parceiros e colegas do trabalho, mas também passei a enxergar o impacto que exercia nos meus relacionamentos com amigos e família.

Acredito fortemente que a dança de salão em geral propicia um melhor entendimento do papel de cada um. Nossa dança brasileira é estruturada no que chamo de “estrutura latina de dança”: o homem tem um papel de cavalheiro e a mulher um papel de dama. E quando você dança em conjunto, cada um tem de assumir bem o seu papel. Então, a dança de salão no Brasil propicia o resgate de alguns valores do bom relacionamento e bons costumes que às vezes ficam esquecidos ou impessoais. Os homens às vezes se esquecem que podem ser cavalheiros, e as mulheres às vezes se esquecem que podem ser damas, independente das atividades que ocupam no seu dia a dia. Isso é muito rico com um casal, porque ao fazer aula de dança de salão, o homem passa a se reconectar com seu papel dentro da dança e do relacionamento. Não no sentido machista – em que pelo fato do homem conduzir a dança é ele quem deve

conduzir o relacionamento. Mas, ele passa a entender que tem determinadas necessidades e a mulher outras. E para a dança ser prazerosa para ambos, é necessário cultivar uma boa comunicação entre eles. E não somente a comunicação verbal é suficiente: a maneira de abraçar, gesticular, de olhar para a outra pessoa já transmitem informações e sugerem a outra pessoa a fazer determinados movimentos. E as mulheres também podem voltar a ter sensibilidade e percepção para essas coisas. As mulheres que passaram a concorrer em atividades que até anos atrás eram fundamentalmente masculinas (as de empresários ou executivos), esquecem-se um pouco do lado feminino, de suas necessidades femininas e o quanto prazeroso é ser uma dama, ter alguém que vai lhe proporcionar a possibilidade de executar um movimento com delicadeza e feminilidade. A mulher tem a oportunidade de resgatar sua feminilidade e isso enriquece um casal.

Quando você extrapola esta lógica para o ambiente de trabalho, percebe que além de uma figura corporativa, você tem outras necessidades, assim como as pessoas ao seu redor. Então, se você trabalha mais com homens, passa a entender melhor como eles funcionam, suas necessidades. Se você trabalha mais com mulheres, passa a entender melhor quais são suas necessidades. Não conseguimos fugir daquilo que somos como homens e mulheres. Temos vontades, sonhos, desejos, necessidades típicas de homens e mulheres. Entender como essas necessidades interagem num grupo de homens e mulheres, numa posição de liderança, você consegue entender melhor como lidar com as pessoas e obter melhores resultados. Aprendi muito isso trabalhando a equipe de bolsistas da minha escola, treinando alunos homens e mulheres, e passei a levar esses aprendizados para meus relacionamentos com amigos, amigas e família. Passei a me relacionar mais adequadamente com aquelas pessoas, independente do ambiente onde estava.

Fernando Luzio. Eu até brinco com você durante as aulas, onde de vez em quando você diz coisas sobre esta dinâmica do relacionamento entre homem e mulher, e eu falo “Puxa Kiko, queria ter te conhecido e ter tido estas aulas antes, porque assim eu teria errado menos no meu relacionamento com as mulheres”.

Quero abordar um outro ponto de vista: você me deu a oportunidade de ter uma aula particular com Melissa Rutz, uma das melhores dançarinas de

WCS dos Estados Unidos, e depois também com ela e seu parceiro, Ben Morris. E durante a aula com ela, constatei uma coisa interessante: enquanto no Brasil os professores se referem ao homem dançando como “Cavalheiro”, e à mulher como “Dama”, lá eles utilizam as expressões *Leader* (Líder) e *Follower* (Seguidor). Depois dessas aulas, estas referências me acordaram para o fato de que os fundamentos da boa relação na dupla de dançarinos (Líder e Seguidor, da parceria), também são aplicáveis ao exercício da boa liderança e do bom trabalho em equipe.

E eu já vinha percebendo que nossas aulas têm me feito mudar de atitude como líder em alguns aspectos, e também em trabalhos de equipe. Quais são os aspectos da liderança e trabalho em equipe que, na sua opinião, são exercitados no WCS?

Kiko Fernandes. É interessante percebermos o seguinte: há alguns anos, lá nos Estados Unidos, eles também utilizavam a expressão Cavalheiros e Damas. Mais recentemente é que eles têm usado a expressão *Leaders e Followers*. Isso porque lá se tornou um pouco mais comum mulher dançar com mulher e homem dançar com homem, por causa da estrutura de dança WCS. Nossa estrutura de dança é latina, e portanto a gente dança muito mais perto, mais abraçado, então nosso samba é abraçado, nosso forró também, a gente executa muitos movimentos abraçados. Já a estrutura do WCS é de corpos separados, a gente não dança abraçado, a gente dança simplesmente segurando pelas mãos. Então, você tanto pode conduzir quanto ser conduzido, independente se você é homem ou mulher. Não é porque você é homem que você tem de conduzir, e se é mulher, tem de ser conduzida.

Algo que me chamou atenção da primeira vez que fui aos campeonatos dos Estados Unidos é que vi casais de mulheres e casais de homem competindo, e achei aquilo um pouco estranho, mas depois percebi que aquilo não tinha nada a ver com a opção sexual de cada um. Eles simplesmente estavam fazendo papéis que não tinham a ver com o fato de serem homens ou mulheres. Aí entendi porque eles passaram a usar os termos *Leaders e Followers*. Também passei a assumir isso nas minhas aulas, mas a cultura aqui no Brasil ainda é muito de Cavalheiros e Damas, e procuro não abandoná-la completamente.

Como no WCS você trabalha com uma outra pessoa segurando apenas pelas mãos, você tem que se tornar bem



habilidoso na sua comunicação, porque seu único ponto de contato físico com ela é através da mão. Então, você tem de aprimorar muito bem sua linguagem, sua comunicação. Do ponto de vista de quem está liderando, conduzindo, você tem que planejar, antecipar as ideias, pensar em como vai transmitir aquela informação por um canal de comunicação que é apenas uma mão. Assim, a habilidade de planejar, pensar em como comunicar, como fazê-lo apenas através daquele canal de comunicação é muito rico, muito interessante.

A outra pessoa tem a oportunidade de ler a informação que passa por um canal muito estreito e muito simples de comunicação que é a mão, interpreta aquela informação e responde com o corpo dela. No samba de gafieira, o homem mexe o corpo dele a mulher automaticamente mexe o corpo dela, quase que como uma reação porque os corpos estão muito próximos, a reação dela é praticamente imediata. Quando você está dançando WCS e o homem mexe o corpo dele, não necessariamente o corpo dela também tem de se mexer automaticamente. Ela vai fazê-lo se você o estimulou de uma maneira correta, e como você está só segurando-a pela mão, você precisa entender e dominar todo os recursos para que a outra pessoa responda da maneira que você gostaria. Acredito que no que se refere à liderança, você tem que primeiro entender a outra pessoa que você vai liderar, qual o grau de experiência que aquela pessoa tem – se for o primeiro contato dela com a dança, sou muito mais paciente, menos ansioso, menos exigente com o resultado; se é uma pessoa mais experiente, já começo a fazer passos ou movimentos mais complexos. Ou seja: eu moldo minha maneira de pensar e liderar segundo a pessoa que estou conduzindo.

A música também me fornece muito sobre o que fazer, é como se ela me dissesse que tenho de atingir este resultado, me serve muito como inspiração, ou como um roteiro brusco do que

fazer. A música também chega aos ouvidos de quem está sendo conduzido e acho muito importante que o seguidor aprenda também a ouvir a música, porque às vezes a pessoa fica tão focada no que o líder está pedindo que se esquece de ouvir a música, e provavelmente o que ele vai te pedir tem a ver com a música. Seria muito mais fácil para a pessoa antecipar o que o líder vai pedir se ela também prestasse atenção à música.

Faço um pouco dessa analogia com o mundo corporativo: quando as pessoas entendem qual é a Missão de uma determinada empresa ou projeto, elas não se esquecem dessa música que está tocando lá no fundo – a Missão, o que elas tem de conseguir. Portanto, as próprias pessoas da equipe começam a antecipar qual é a próxima etapa que um líder vai querer trabalhar porque elas estão bem conectadas com a Missão.

Acho esses aspectos bastante proveitosos no WCS, a habilidade de liderar e de deixar ser liderado, e estes papéis podem ser invertidos na música seguinte. É muito rico para mim quando às vezes me coloco na situação de ser liderado, e passo a enxergar a perspectiva, dificuldades e limitações de quem está sendo liderado, e isso me torna um líder melhor.

Fernando Luzio. Muito interessante...

Você tocou em um pouco que para mim é chave na nossa conversa. Como já te falei, tenho muita vontade de te levar para fazer algumas palestras e mini-workshops dentro dos nossos workshops porque algumas dessas sutilezas são muito enriquecedoras para as pessoas entenderem como se processa esta relação de seguidor e líder no mundo corporativo.

Para contribuir com essa conversa, aprendemos que o maior desafio do líder é gerir percepções, porque sabemos que a maneira como as pessoas interpretam os fatos ou como os fatos ocorrem para elas é o que mais influencia seu desempenho. O líder, portanto, precisa ser um bom comunicador, tem de fazer com que as pessoas percebam os fatos da maneira mais

“Do ponto de vista de quem está liderando a dança, conduzindo, você tem de planejar, antecipar as ideias, pensar em como vai transmitir aquela informação por um canal de comunicação que é apenas uma mão.”

Kiko Fernandes



adequada possível. É muito interessante nas nossas aulas quando você exercita esta dinâmica do que eu, como líder, transmito para minha seguidora. E você, ao longo das aulas, pergunta para a parceira “O que você sentiu, como você interpretou a linguagem, a comunicação do Fernando?”. E muitas vezes elas compartilham percepções completamente diferentes daquilo que eu disse, então eu achava que estava transmitindo um sinal para ela fazer um determinado movimento, e ela interpretou algo ao contrário. Tenho certeza que isso acontece no mundo corporativo, que as pessoas não entendem exatamente o que está sendo dito de uma pessoa para outra, o que provoca muitos conflitos.

Inclusive, você deu um exercício que foi um desafio muito grande, onde no meio de uma dança você pediu para minha parceira dançar comigo de olhos fechados, e ela tinha de perceber o que eu queria fazer sem ter o apoio visual, só com a linguagem corporal, com o movimento, e aquilo foi, para mim, uma experiência muito interessante, porque realmente esta interpretação da comunicação não dita, não claramente exposta numa relação de trabalho de equipe, afeta muito o desempenho das pessoas. A habilidade de comunicação é extremamente importante.

Outro ponto que você tem falado muito nas aulas e que é uma característica da relação do líder com o liderado, é que o homem conduz, lidera, mas quem dá o show é a mulher. Muitas vezes o homem demonstra um caminho, e todo o arranjo e a beleza da dança é a mulher que faz de uma maneira extraordinária e esse é um bom aprendizado para o líder. Acho que o pior líder é aquele que tem um ego tão forte que quer brilhar e apagar a equipe, quer ser o autor do projeto que foi realizado em conjunto, quando na verdade ele tem de deixar a equipe dele crescer e valorizá-la, porque sozinho ele não faz nada.

Kiko Fernandes. Aproveitando este exercício que você comentou que fizemos, o que eu acho muito interessante neste tipo de dinâmica que aplico nas minhas aulas é ter a possibilidade de subtrair uma das percepções e ver como a pessoa se adapta a um limite de percepções para trabalhar. Tanto quem estava recebendo a informação – no caso a moça que estava dançando com você que não estava mais te enxergando, como ela se adaptou a um número menor de percepções para poder continuar executando a dança –, como você, sabendo que a outra pessoa tem uma percepção a menos e que não vai poder usar o recurso da comunicação visual para completar a informação que queria transmitir, como você faz com que os demais canais de comunicação passem a ser suficientes para aquela pessoa executar um determinado movimento.

Uso também outras dinâmicas para trabalhar diversos aspectos da condução e do ser conduzido. O que é legal e que você citou também, é que o principal papel de quem está conduzindo é transmitir as informações de uma maneira tão clara e precisa que a pessoa que vá executar o faça de uma maneira absolutamente natural, tranquila e prazerosa. A pessoa que vai dançar com você tem de entender as informações que você gostaria que ela executasse de uma maneira tão tranquila e tão calma que lhe sobre espaço para ela colocar beleza, leveza e graça na execução do movimento. E esse é o papel da mulher na dança: colocar graça, beleza, leveza, que já são intrínsecas às mulheres.

O bacana também do WCS é que por não ser uma dança abraçada, a outra pessoa começa a desenvolver a habilidade de colocar um toque pessoal no seu jeito de dançar, mesmo que você ainda esteja desenvolvendo suas habilidades de comandar. Então, o que acho rico também no WCS é que não necessariamente as duas pessoas precisam ter o mesmo grau de experiência na dança para poderem

fornecer uma boa dança e trabalharem juntas. Pode ser uma pessoa que esteja começando a liderar com uma pessoa mais experiente para ser liderada, como pode ser uma pessoa que seja mais experiente em liderar com uma pessoa que ainda esteja começando, e o resultado ser tão bom quanto. Porque na minha opinião, o mais importante do WCS não é o homem que conduziu e se ele conduziu de maneira correta; não é a mulher que está sendo conduzida e se ela executou de maneira correta, mas sim o resultado, e o resultado é a dança final em si – se naqueles 3 ou 4 minutos de dança conseguimos atingir o objetivo que é ser prazeroso, fornecer e criar algo bonito. O propósito é ser prazeroso para quem dança e ser bonito para quem assiste de fora. Se conseguimos atingir esse objetivo, então pronto, não importa se ela é mais habilidosa, ou se ele é mais habilidoso, foi um trabalho em equipe e o mais importante é este trabalho ter sido atingido.

Fernando Luzio. É interessante porque já chegamos a ter aulas inteiras em que você praticamente ficou tentando calibrar um movimento para limpar o ruído da minha comunicação com a seguidora (a dama), em que eu dava mensagens confusas a ela. É interessante porque isso tem me forçado, no meu dia a dia de trabalho em equipe e em projetos, em situações profissionais, a prestar mais atenção nessa sutileza, no quanto às vezes eu digo uma coisa achando que as pessoas estão entendendo exatamente o que estou falando, e elas estão entendendo uma coisa completamente diferente. E aí vejo como a comunicação é realmente o desafio das relações de trabalho – das pessoas também, nem se fale...

Quero mencionar que tenho aprendido que, exceto em um baile despretensioso, uma dança bonita e prazerosa de West Coast Swing exige planejamento da coreografia ou sequência, sincronização e treinamento disciplinado, repetição procurando limpar alguns movimentos – você usa muito esta expressão. Nas empresas, um bom trabalho de equipe para executar bons projetos estratégicos também exige as mesmas atitudes.

Conte um pouco: o que faz um trabalho de dançarinos ter um resultado excepcional?

Kiko Fernandes. Para dançarinos, é fundamental, primeiro, uma sensibilidade: você não pode ou não deve, não importa a atividade que esteja exercendo, se tornar insensível. Não pode abrir mão da sua sensibilidade, refreá-la, reprimi-la, e nem a da outra pessoa que vai trabalhar com você.

Por sensibilidade, quero dizer não só um lado emotivo, mas todo um lado de percepção do seu corpo, das suas necessidades e das necessidades da outra pessoa. Então, acho que é fundamental para um dançarino exercer ou tentar aprimorar sempre, cada vez mais, sua sensibilidade.

Em uma etapa seguinte, é ele ter uma pessoa com quem trabalhar e com quem ele se dê muito bem. Acho que a cumplicidade e o companheirismo para você trabalhar são muito melhores do que simplesmente o currículo. Ou seja, se você é um grande dançarino e a outra pessoa também é uma grande dançarina, não necessariamente vocês irão fazer um trabalho maravilhoso juntos. A soma de experiência não dá necessariamente um resultado fantástico, porque um dos ingredientes que vai fazer com que esta soma de experiências seja muito rica é justamente o trabalho em equipe ser bem azeitado, azeitado, e isso acontece através da sensibilidade que cada um tem para perceber a outra pessoa e encontrar ali uma oportunidade de trabalhar de uma maneira muito rica e produtiva.

Depois, acredito que disciplina é um ingrediente fundamental para quem quer atingir excelência, porque no primeiro momento que você começa a desenvolver algo novo



“O mais importante do WCS não é o homem que conduziu e se ele conduziu de maneira correta; não é a mulher que está sendo conduzida e se ela executou de maneira correta, mas sim o resultado, e o resultado é a dança final em si – se naqueles 3 ou 4 minutos de dança conseguimos atingir o objetivo que é ser prazeroso, fornecer e criar algo bonito. O propósito é ser prazeroso para quem dança e ser bonito para quem assiste de fora. Se conseguiu atingir esse objetivo, então pronto, não importa se ela é mais habilidosa, ou se ele é mais habilidoso, foi um trabalho em equipe e o mais importante é este trabalho ter sido atingido”

Kiko Fernandes



que nunca fez antes, ou que ninguém nunca fez antes, você vai precisar ter muita disciplina para fazer muitas repetições de um determinado movimento até atingir um grau de excelência que você olhe e fale “O resultado está melhor do que eu gostaria que fosse”. A outra pessoa com quem você vai trabalhar também precisa ter muita disciplina porque aquelas repetições, ou de repente aquele trabalho, vai ter que ser feito não só por você, mas pela outra pessoa também.

Quando fui em busca da minha parceira de trabalho, procurei mais uma pessoa com quem eu me desse bem para trabalhar, do que propriamente uma pessoa que já tivesse conhecimento de WCS. O conhecimento, depois eu forneci. Mas principalmente, ela me completa em todas as minhas necessidades como uma parceira para trabalhar.

Desenvolvemos um trabalho num ritmo que nos é muito agradável, temos uma disciplina para treinar um número de horas em que nos sentimos bem, eu não preciso exigir que ela trabalhe mais e ela não precisa exigir que eu trabalhe menos. E por trabalhar mais ou menos, não estou me referindo à hora, mas à intensidade – às vezes, 2 horas numa intensidade adequada são muito mais produtivas do que 6 horas espaçadas sem muito norte, sem saber o que fazer.

Outra coisa que funciona muito bem para dançarinos é ter este norte. Na minha opinião, na dança, toda coreografia deve ter uma mensagem. Então, quando vou montar uma coreografia, primeiro procuro pensar qual é a mensagem que quero transmitir, que sentimento e sensação quero provocar

em quem está assistindo a esta dança. Aí discuto com minha parceira a minha proposta inicial: “Quero causar este determinado sentimento, o que você acha?”. Minha parceira tem que abraçar esta ideia também, se não temos de discutir de que maneira podemos modificar esse meu sentimento para que seja uma ideia que nós dois abracemos. Eu jamais forço minha parceira a fazer um trabalho que ela não quer fazer, uma ideia que ela não quer abraçar. Depois a gente escolhe uma música, que tem a ver com a mensagem que a gente quer passar. Porque essa música vai servir como um roteiro para desenvolvermos todo o trabalho. Ouvimos a música várias vezes e passamos a desenvolver determinados movimentos que remetem àquelas sensações que queremos transmitir.

Temos o hábito de filmar nosso próprio trabalho, nossa coreografia, e depois a passamos por uma etapa de refinamento, de ajuste. Ou seja, não esperamos que um trabalho esteja pronto na primeira vez que montamos. Nós olhamos de fora e procuramos refinar, ajustar.

Fernando Luzio. Um tema bastante atual no meio acadêmico empresarial diz respeito ao desafio das empresas para se criar uma cultura voltada para inovação. Sabemos que neste mundo de competição global intensa e acelerada, a inovação é um dos caminhos para as empresas brasileiras continuarem surfando no crescimento do Brasil. A inovação tem se tornado indispensável, não somente em tecnologia e produtos, mas também em modelos de negócios, cadeias de



valor e processos.

Para uma empresa ser inovadora, ela precisa alimentar um ambiente organizacional de abertura ao debate e exposição ao contraditório. Porém, temos percebido que o erro honesto ainda não tem sido tratado de maneira adequada para não inibir a criatividade – por isso tem, inclusive, sido tema de capa em revistas internacionais de economia e negócios de prestígio como a Harvard Business Review, uma das melhores revistas de negócios do mundo e que há algumas edições lançou uma reportagem de capa com vários articulistas debatendo como as empresas devem lidar com o erro. O fato é que o erro ainda é visto nas empresas como pecado, sinônimo de falta de competência, mal desempenho, e não como um efeito natural de quem tentou se superar. É repudiado e as pessoas sentem-se constrangidas.

Muitos dramas empresariais têm sido vividos porque pessoas erraram e, com medo de exporem o erro, esconderam embaixo do tapete e depois aquilo virou um grande terremoto. Costumamos pedir desculpas pelo erro o tempo inteiro, e muitas vezes a preocupação com as consequências do erro faz muitas pessoas esconderem-nos nas empresas. E eu não poderia fazer diferente nas nossas aulas de WC, para onde transporto esta mania de ficar pedindo desculpas o tempo inteiro à minha parceira. Em diversas aulas, você discorreu sobre o erro e a maneira de encarar o erro no WCS – uma filosofia que me fez repensar muito sobre minhas atitudes diante do erro. Compartilhe conosco como o erro é tratado no WCS?

Kiko Fernandes. Acho que tenho um entendimento um tanto quanto diferenciado sobre o erro. Isso porque, na minha época de faculdade, você aprende que o erro na Física, na Ciência, é parte natural dos fenômenos da natureza. É uma parte que você não pode eliminar da natureza. Então, existe toda uma teoria na Física chamada de Teoria dos Erros, em que você aprende a como minimizar o erro, como trabalhar com o erro, mas jamais aprende como eliminá-lo, porque não há como se eliminar erros. Portanto, desde cedo, aprendi a encarar o erro como uma parte natural de qualquer processo. E talvez, o objetivo maior seria tentar controlar o erro, e não simplesmente pensar que ele nunca pode existir.

Depois, quando comecei a trabalhar com dança, também consegui levar um pouco dessa minha mentalidade do tratamento do erro, de

modo que quando faço um trabalho com dança eu não foco no erro, foco no resultado e a ideia é minimizar o erro. Minimizar a possibilidade de dar alguma coisa errada. Quando vamos fazer uma apresentação, é claro que treinamos o suficiente para que o resultado seja impecável e não haja nenhum tipo de errinho. Mas também, se houver, não encaro isso como o fim do mundo, como uma coisa que compromete em absoluto o trabalho. Acho que essa também é um pouco da filosofia de dançarinos. É claro que se em uma competição você errar, você pode ser prejudicado nos resultados, mas isso faz parte de qualquer competição, e não necessariamente isso vai manchar o seu trabalho, o seu currículo.

Nas aulas, procuro fazer com que meus alunos não se preocupem com a questão de errar. Quem erra é quem está tentando fazer alguma coisa que está um pouco além de suas capacidades. Então, quando dou aula para você ou para outras pessoas e a gente começa a fazer um movimento novo, o interessante é não ficar preso apenas àquele movimento e poder ter a possibilidade de explorar outras formas de iniciar ou finalizar um determinado movimento, e que você se sinta livre o suficiente para experimentar isso. Acho que as pessoas que erram quando estão dançando, na sua grande parte são pessoas ousadas que tentaram fazer alguma coisa que não tinham certeza se dominavam, então eu olho mais para o erro como um resultado às vezes de audácia, menos do que como um resultado de incompetência.

Acho válido as pessoas procurarem encarar o erro como parte natural de qualquer forma de aprendizado. E com a experiência você aprende a não errar? Não, muito pelo contrário: você aprende a controlar seus erros, só que você vai sempre errar. Eu erro até hoje quando vou dançar! Conheço os dançarinos mais excelentes no WCS e também já os vi errando, e nas vezes que os vi errando falei “Nossa, que bom! Eles também são humanos”. Então, isso dá uma sensação de empatia muito bacana. E de maneira nenhuma isso denegriu a imagem que eu tinha deles como profissionais.

O que procuro também ressaltar nas minhas aulas é que tanto quem lidera, quanto quem é liderado pode errar. Quem erra tem que primeiro avaliar se aquele erro não foi causado por ele mesmo. Quando estou liderando e minha parceira executa algo diferente do que imaginei que ela fosse executar, a primeira análise que

faço é “Onde eu errei?”. Ou seja: “Onde minha comunicação foi falha para ela ter interpretado algo diferente daquilo que eu tinha imaginado?”. Quando vejo que o erro não foi meu, também não fico sentido pela outra pessoa ter errado, ou por ela ter experimentado fazer alguma coisa um pouco diferente daquilo que eu pedi. Simplesmente, ela tentou fazer outra coisa, percebeu de repente o erro e vamos continuar dançando.

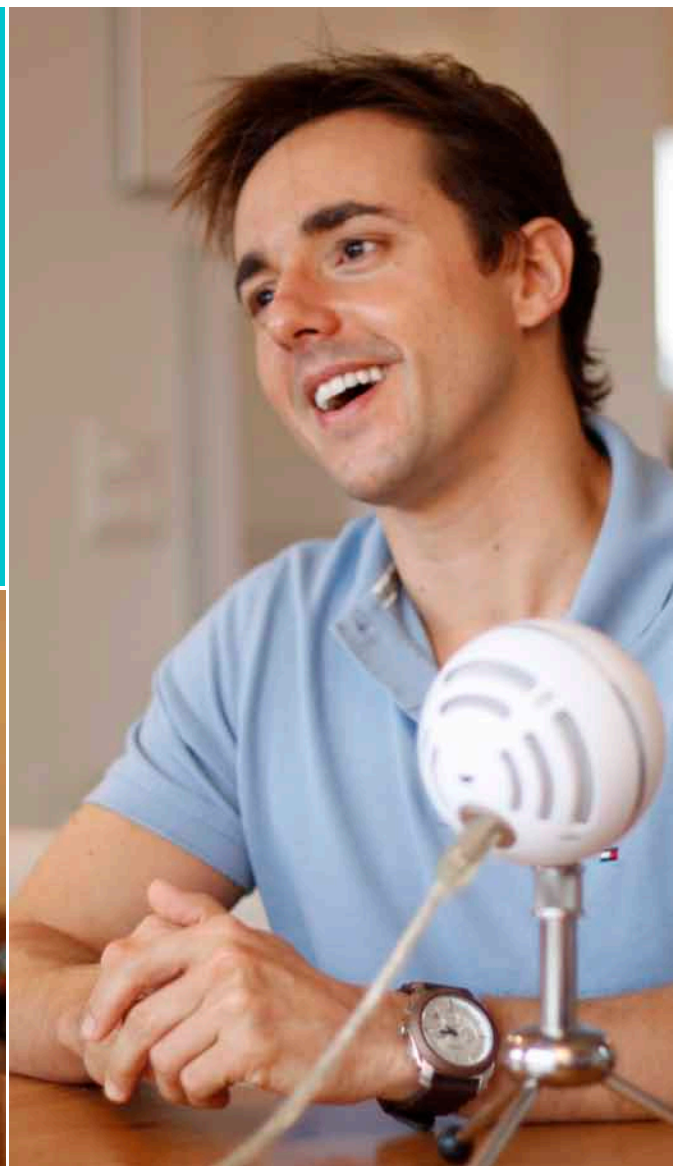
E aí entra uma coisa que eu sempre peço também para você nas nossas aulas que é “Não se desculpe, não valorize demais o erro”, ou seja, não vamos parar e retomar a dança desde o começo e esquecer todo o trabalho que estávamos fazendo para começar do zero outra vez porque erramos. Abraça de novo! É tratar o erro com a importância que ele deveria ter no resultado final: mínima, pequena. E também, desenvolver a habilidade de contornar o erro o mais rápido possível – aposto que você pode me ver dançando e muitas vezes eu vou errar e você não vai perceber. Porque já adquiri uma habilidade para contornar meu erro, e minha parceira também já adquiriu uma habilidade para contornar meus erros de tal forma que a gente vai errar, e para quem assiste de fora não vai ficar evidente que houve um erro, ou então ele não vai ser relevante para o resultado. O objetivo é passar uma dança ou uma coreografia animada e bonita, e um pequeno errinho de uma mão que escapou, de alguma coisa que não deu certo, de uma direção que não foi exatamente correta, não se torna a parte mais importante.

Fernando Luzio. E como você sempre diz, isso é cooperação num trabalho de equipe. Então, ajudar o outro a virar a página do erro, continuar a dança, continuar o projeto, é fundamental.

Kiko Fernandes. Às vezes, quando minha parceira erra alguma coisa e de repente ela não percebeu que aquilo foi um erro, quando acaba a música eu sento com ela e converso: “Naquele movimento, você percebeu alguma coisa estranha?”, “Eu percebi, errei”, “Então tudo bem, não fui só eu, porque percebi algo estranho”. Ou seja, ela disse que não percebeu, eu comunico que percebi e tento esclarecer. Não podemos deixar que o erro impeça a execução do trabalho, mas sim conversar depois e esclarecer que o movimento não ocorreu conforme planejado. Tratamos o erro com esta leveza e principalmente como parte inevitável do processo.

“As pessoas que erram quando estão dançando, na sua grande parte são pessoas ousadas que tentaram fazer alguma coisa que não tinham certeza se dominavam, então eu olho mais para o erro como um resultado às vezes de audácia, menos do que como um resultado de incompetência. Acho válido as pessoas procurarem encarar o erro como parte natural de qualquer forma de aprendizado.”

Kiko Fernandes



Fernando Luzio. E aprender com o erro de maneira positiva. Confesso que depois que você dedicou algum tempo a falar sobre o erro em um aula, comecei a tentar me policiar sobre isso, e me ajudou muito a lidar melhor com o erro no meu trabalho de equipe, no meio corporativo.

Hoje, o WCS tem crescido no Brasil e temos duplas de dançarinos competindo lá fora. O que torna os nossos dançarinos de WCS diferentes dos americanos? Onde está a singularidade dos dançarinos brasileiros?

Kiko Fernandes. Vou te dar a opinião dos próprios dançarinos americanos: os dançarinos brasileiros ouvem a música de uma maneira diferente. Isso porque a tradição da nossa dança é mais voltada para a parte de percussão da música, enquanto as danças americanas são mais voltadas para a parte melódica das músicas. Então, o que estamos fornecendo para os dançarinos americanos ou para a cultura americana do WCS, é uma maneira diferente de ouvir a música. Somos muito mais atentos para a percussão e conseguimos executar muito mais coisas com nosso corpo através da percussão. Já os americanos ficam muito atrelados à melodia e às vezes têm dificuldade para entrar na percussão, e daí portanto o ritmo. Para os dançarinos americanos iniciantes, o ritmo e a maneira de mexer o corpo também são complexos de se desenvolver. Já para nós, brasileiros, é algo muito natural, tranquilo. Por sua vez, o que estamos aprendendo com os dançarinos americanos é toda uma técnica, uma disciplina, uma forma de se trabalhar com

dança que vai muito além do aspecto lúdico – que tem muito mais a ver com a nossa cultura – e já entra muito mais no campo profissional, competitivo. Assim, estamos aprendendo a ser mais competitivos e eles estão aprendendo a ser mais intuitivos com a dança.

Fernando Luzio. Kiko, além de dançarino você é um empreendedor e tenho feito alguns elogios à gestão da Cia Terra. Outro dia, comentei com você em um dos bailes práticos, que fiquei impressionado com o nível de organização, a riqueza de detalhes, o capricho em todos os pontos, a casa sempre cheia. O que você diria para outros empreendedores desse campo artístico no Brasil, que seriam regras de ouro? Ao que o empreendedor precisa prestar muita atenção e cuidar muito bem para ter sucesso?

Kiko Fernandes. Acredito que um dos fatores que me ajudou a conseguir um certo destaque no meio da dança de salão, vindo de uma carreira totalmente diferente, foi a busca por um diferencial. Nunca me conformei em executar apenas o que os outros já faziam. Queria fazer algo meu, diferente, algo que me diferenciasse, me destacasse dos demais dançarinos. Acredito que a busca por um fator, por um elemento que te diferencie dos demais é importante, mas paralelamente também fazer uma boa pesquisa. Uni este meu lado de querer buscar um diferencial com minha própria disciplina de estudioso, de autodidata, para que eu pudesse simplesmente ir atrás de alguma coisa nova, diferente, que não havia ninguém ensinando aqui no Brasil e



aprendê-la de uma maneira muito fidedigna às origens.

Me informei bastante de como era essa dança lá nos Estados Unidos e de como eu poderia fazê-la aqui no Brasil, e também procurei adaptar esta dança aos brasileiros. Outra coisa que permitiu com que esta dança se estabelecesse um pouco melhor aqui é que eu não apliquei simplesmente o modelo americano de ensino no Brasil, porque não funciona. Lá eles têm uma outra tradição de dança, outra cultura, e nós aqui temos uma cultura muito diferente.

Acho que a busca por novidades e estar sempre atualizado são fundamentais, buscar fazer alguma coisa diferente, não precisa necessariamente ser algo genial. Quando eu olhei para o WCS, achei aquilo fantástico, mas sabia que aquela era apenas a minha opinião. Não tratei o WCS como uma coisa valiosíssima que as outras pessoas não sabiam valorizar, passei sim a me dedicar àquilo, a estudar, e hoje as pessoas valorizam o WCS e coisas além do WCS que eu ajudei a desenvolver. Isso, e principalmente encontrar prazer naquilo que você faz. Nenhum destes fatores teria me levado a algum resultado se por trás de tudo isso eu não estivesse motivado. Minha motivação era o prazer de dançar, ter realmente encontrado uma dança na qual eu me sentisse muito bem. Eu já dançava outros estilos de dança, já trazia dentro de mim estas outras características, só que elas ainda não haviam sido tão exigidas, ou tão impulsionadas em prol de um objetivo como a motivação de me tornar um dos primeiros dançarinos de WCS do Brasil.

Fernando Luzio. Quem são as pessoas que influenciaram ou têm influenciado seu pensamento?

Kiko Fernandes. A primeira pessoa que influenciou minha maneira de pensar e de ver o mundo, tanto do lado pessoal, quanto do profissional, sem dúvida nenhuma foi meu pai, a pessoa que me transmitiu valores e princípios, que me mostrou trabalho árduo e disciplina unidos a valores e prazer.

Meu pai é uma pessoa que sempre trabalhou muito por prazer; ele gosta do que faz, é muito bem sucedido, então eu sempre aprendi a valorizar isso. Nunca me conformei em apenas trabalhar, sempre busquei trabalhar com prazer, fazendo alguma coisa prazerosa. Depois, professores que eu tive no colégio, como o Laércio que mencionei no início da entrevista,

foram pessoas que me instigaram a ir além dos limites. Enquanto eu estava preocupado em me sobressair perante uma nota em uma prova, ele me mostrou que haviam coisas mais importantes do que simplesmente a nota.

Gosto muito da biografia do Albert Einstein que me forneceu muitas informações e muitas maneiras de pensar, mas também gosto muito da biografia de outros pensadores como Thomas Edison e Benjamin Franklin, que além de empreendedores, foram pensadores que já estavam à frente do seu tempo e já enxergavam o mundo com perspectivas diferentes da maior parte das pessoas.

Fernando Luzio. Para encerrar nossa conversa, que mensagem final você deixaria para o mundo como um legado da sua experiência e conhecimento acumulado? Três recomendações, três dicas para ser feliz no plano pessoal, no plano profissional. Você que é um dançarino com alma de cientista, que me ensina tanto nas aulas sobre como me relacionar com as mulheres, com as pessoas que eu lidero na minha equipe, o que você poderia deixar para as pessoas?

Kiko Fernandes. Honestamente, acredito que ainda estou no começo do meu legado, ele ainda é muito jovem. Tenho certeza que daqui a 30 anos ele vai ser bem mais profundo, assim eu espero. Mas se eu tivesse que deixar uma mensagem agora para as pessoas, o que eu gostaria de dizer é que primeiro nunca se esqueça que você é um ser vivo em contato com outros seres vivos. Isso parece meio trivial de se afirmar, mas quando você vai trabalhar, se dedicar a um projeto, acho que é muito fácil você esquecer que tem necessidades pessoais, necessidades fisiológicas, e que tem vínculos com pessoas que também têm necessidades e expectativas. Então, em primeiro lugar você tem de tentar sempre lembrar que você não está sozinho no mundo, mesmo naqueles momentos em que você precise trabalhar e gostaria de depender só de você.

As pessoas buscam constantemente ser autossuficientes no mundo hoje, mas ser autossuficiente profissionalmente é uma coisa, e acho que ser autossuficiente pessoalmente é impossível. As pessoas sempre vão ser incompletas se extrapolarem essa autossuficiência do trabalho para a vida pessoal. Meu primeiro recado seria este: não esquecer que vocês estão em contato com um corpo que tem necessidades e portanto é necessário aprender a respeitá-las, ou seja,

trabalhar em excesso, levar aos limites o seu corpo em prol de um determinado objetivo ou resultado, nem sempre vale à pena, nem sempre é a maneira mais eficiente de se atingir um trabalho de qualidade. Pode talvez ser a maneira mais rápida de se atingir algum trabalho, mas não a melhor.

A segunda dica que eu deixaria é: sempre procure fazer um trabalho com prazer. Se você não tem muito prazer naquilo que está fazendo, procure acrescentar prazer na sua vida. Acredito que o que me fez conseguir chegar ao fim do Mestrado e depois iniciar e chegar quase ao fim do Doutorado foi justamente ter acrescentado prazer à minha vida, ao meu cotidiano. Eu trabalhava muito na carreira acadêmica e depois, nas minhas horas extras, ia para uma atividade que me dava muito prazer. Compensava e fornecia para minha rotina uma boa dose de prazer, isso me dava uma boa saúde, um bom equilíbrio físico e mental. Então, a segunda recomendação que dou é: não tire o fator prazer da vida totalmente, se você não pode obter prazer naquilo que você faz, procure outra atividade prazerosa para você continuar fazendo bem aquilo que você faz.

E a terceira recomendação que eu daria é: não tenha medo de mudar e eu acho que é importantíssimo você planejar. Minha vida foi idealizada desde que eu era pequeno. Aos 5 anos, me imaginava trabalhando com astronomia, então eu já tinha traçado um plano para os próximos 50 anos. Fui atrás deste objetivo, mas permiti que a vida me colocasse imprevistos. De tal modo que, quando cheguei numa circunstância onde estava desconfortável com aquele planejamento inicial que havia feito, eu já tinha um plano B traçado e mudei, e as pessoas que estavam à minha volta ficaram um tanto quanto surpresas com essa mudança, mas eu não fiquei desesperado porque via uma mudança para melhor.

Enxerguei ali que ia conseguir mudar para uma atividade que ia me trazer mais benefícios, que entrou na minha vida porque não fechei minha carreira profissional. Permiti que a dança ou outra atividade entrasse na minha vida para introduzir prazer; e de improviso enxerguei nisso uma possibilidade para se fazer outra coisa da vida. Então, acho que estar aberto a mudanças e permitir que sua vida tenha uma certa flexibilidade para incorporar coisas novas, no futuro isso te dá novos elementos para enxergar novos caminhos. A vida está em constante mudança e eu acho que se a gente não

se adapta a isso, a gente estagna e não progride, não vai para frente.

Fernando Luzio. Adorei nossa conversa, tinha certeza que ia ser muito boa, é só uma pena que por limitações tecnológicas a gente não pôde proporcionar para as pessoas aquilo que eu tenho o privilégio de ter nas nossas aulas que é você falar tudo isso e muito mais mostrando na dança como isso se processa. Se alguma empresa tiver vontade, e eu recomendo que o faça, de te convidar para alguma palestra ou *workshop*, qual o telefone ou email que elas podem te contatar para fazer este convite?

Kiko Fernandes. As pessoas podem me contatar tanto pela minha empresa, no telefone (11) 3051-4550, ou pelo email kiko@ciaterra.com.br, e também pelo celular (11) 9111-0761. Quem quiser mais informações, também pode acessar nosso blog kikoegiulli.blogspot.com (meu e da minha parceira), lá a gente sempre coloca informações sobre o WCS, nossa agenda, o que estamos fazendo, e eu também pretendo escrever artigos sobre estas nossas conversas e outras atividade para colocar à disposição *online* para as outras pessoas consultarem.

PROGRAMA *NOVOS INTÉRPRETES*

Entrevistador: Fernando Luzio

Idealização e Direção: Fernando Luzio e Renê Guedes

Supervisão Editorial: Patrícia Luzio

Edição e Fotografia: Carla Scorzato

Apoio: Marcia de Moraes

Produção: Luzio Strategy Consulting



Luzio Strategy Consulting

www.luzio.com.br / novosinterpretes@luzio.com.br

+55 11 3045-5651 Rua Afonso Braz, 473 - cj. 43

Vila Nova Conceição - São Paulo - SP

04511-011 Brasil

À esquerda,
Kiko Fernandes
e **Fernando**
Luzio, à direita

